



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **QUEM PODE FALAR? TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA: POR UMA PEDAGOGIA DE EMERGÊNCIA**

**Yandra Carine Galuppo<sup>2</sup>**

**PPG-ARTES, UFPA**

### **Introdução**

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o Teatro do Oprimido enquanto pedagogia atual, edificante e necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico, a identidade e a emancipação de jovens estudantes do ensino médio, diante do processo de massificação imposto pela era globalizada capitalista.

Em diálogo com Paulo Freire e Augusto Boal converso sobre as relações entre educação, escola e sociedade no século XXI, refletindo como as práticas e saberes do Teatro do Oprimido podem contribuir para a mudança e reinvenção da educação e colaborar para a formação integral de jovens estudantes com vontade de dizer algo através do teatro.

### **Metodologia**

O processo de pesquisa ocorreu a partir da realização de duas oficinas de teatro do oprimido realizadas nos períodos de setembro a dezembro de 2016 e março a junho de 2017 no Centro de ensino médio da Asa Norte – CEAN, em Brasília, Distrito Federal, com alunos do 2º e 3º anos da rede pública de ensino utilizando a metodologia da Estética do Oprimido.

### **Resultados e discussão**

Nos tempos que correm, problemas sociais como as guerras, a fome, as correntes migratórias, a intolerância étnica, a exclusão social, entre outros, sinalizam a barbárie no âmbito mundial. Paralelo a essas questões, a globalização, ao mesmo tempo em que rompe fronteiras geográficas reunindo as sociedades numa grande aldeia global, provoca o desenraizamento cultural desfazendo modos de vida locais, desapropriando milhões de seres humanos de suas referências culturais, o que reflete a decadência do processo cultural, e em troca é oferecido um padrão fabricado de consumo que tem na mídia um emulador permanente, pasteurizando todo e qualquer tipo de diferença. Segundo HALL:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas-



desalojadas- de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2004, 75).

A escola, lugar de formação de culturas, identidades e pertencimento, vem se eximindo do debate e problematização destas questões, pouco estimulando o pensar crítico e as investigações pessoais no sentido de fortalecer as identidades de seus sujeitos e territórios, o que resulta numa fragilidade coletiva no pensar e agir, dificultando a participação efetiva dos estudantes no processo educativo.

Atualmente, a escola continua reproduzindo aspectos da pedagogia tecnicista, utilizada a partir da segunda metade do século XX.

Esta concepção ultrapassada de ensino contribui para a formação de sujeitos alienados, moldados ideologicamente para agir de forma massificada, desprovidos de autonomia, crítica e ousadia. Segundo LIBÂNEO (1992) “o aluno recebe, aprende e fixa as informações. O aluno é um indivíduo responsivo, não participa da elaboração do programa educacional” (LIBÂNEO, 1992, 30).

Se o aluno é apenas um passivo ouvinte o qual cabe à tarefa de receber o conhecimento pronto e acabado, quem é o professor?

O professor, para Paulo Freire, é um narrador, aquele que detém o conhecimento que ao ser narrado, tende a se petrificar, tornando-se estático, sem vida e sem valor para a vida, pois a narração não permite que haja participação e relação entre as experiências de vida dos ouvintes com o assunto narrado. Freire diz que a palavra nesse caso não possui força transformadora, mas apenas sonoridade.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. (FREIRE, 1988, 58).

A esta forma reprodutora de ensinar Paulo Freire denominou de “Educação Bancária” comparando os educandos como colecionadores de informações que arquivam, mas que ao fazerem, são eles mesmos os arquivados. “Arquivados, porque fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser”. FREIRE (1988)

Atualmente, observamos um agravamento do comportamento massificado pelos estudantes, com a utilização desenfreada dos celulares, jogos eletrônicos e outros similares. A curiosidade, a inventividade e a experimentação, bases fundamentais para a aprendizagem, veem sendo esfaceladas pelo imediatismo dos conceitos



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

prontos das apostilas e pesquisas sem aprofundamento, entregues pelos “googles da vida”.

Diante do exposto, fazem-se necessárias práticas pedagógicas emergenciais que desconstruam o formato tradicional e opressor de educação vigente, e oportunizem experiências mais humanas que estimulem a convivência com a diversidade, compreendendo que a pluralidade de saberes, culturas, visões de mundo, preferências, tradições e comportamentos, fazem parte da natureza do conhecimento e da vida no planeta e necessárias para o enfrentamento dos tantos desafios deste terceiro milênio.

A Estética do Oprimido, fundamento teórico e prático do Teatro do Oprimido, constitui uma ressignificação da sistematização da pedagogia do oprimido que, ao longo da prática apresentou necessidades de construção de um senso estético próprio. A análise crítica e cuidadosa de Augusto Boal e sua equipe, ao refletirem sobre a necessidade de auxiliar os integrantes dos grupos comunitários que realizavam o teatro do oprimido no sentido de construir suas próprias estéticas, gerou uma ampliação da utilização de outros recursos artísticos que caminhavam junto com o teatro, como fontes potenciais de criação, comunicação e expressão.

O objetivo maior de reorganizar o método foi o de priorizar o processo estético de cada pessoa ou grupo para que descobrissem através das formas artísticas variadas, outras possibilidades de criação e representação da realidade. Para Boal, o ser humano é um artista nato que bloqueia seu potencial por estar condicionado aos sons, imagem e palavras (três dispositivos de opressão) utilizados pelas mídias para torná-lo dependente de um padrão estético.

## **Conclusões**

Diante desta perspectiva, podemos situar o Teatro do Oprimido como uma arte e pedagogia propulsora de novas percepções de estar e pertencer no mundo, uma vez que, a partir de sua compreensão de sujeito e dos processos sociais a ele atrelados, interpreta a dinâmica das relações humanas propondo formas de atuação e transformação das mesmas. Também, possibilita através de sua estética e pedagogia impulsionantes, a construção e atuação do sujeito social, um espaço para a prática da dialogicidade defendida pelo educador Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido, que ecoou nesta pesquisa, através das vozes ressonantes de jovens estudantes, onde desenvolveram durante o processo de formação intelectual, uma formação política e humana.

A Pedagogia Teatral em sua gênese está relacionada a práticas sociais de humanização. Para ICLE:

Por diferentes caminhos tornou-se verdade entre nós que ensinar teatro, ensina a ser cidadão, ensina a ser bom aluno, ensina a viver melhor, ensina a ter um objetivo na vida, ensina a não ser violento, enfim, ensina a ser humano e completo, por intermédio das práticas



criativas isomorfas às práticas profissionais de teatro. (ICLE,2007, 13)

Ao utilizarem a arte através da pedagogia teatral para construir palavras, sons e imagens próprias, os jovens participantes desta pesquisa, vivenciaram uma sinestesia artística onde a expressão pessoal e a criação autoral atuaram como forças motrizes para o fortalecimento de suas identidades, auto conhecimento e autoconfiança, fundamentais para o diálogo propositivo que estimula a transformação da realidade.

Portanto, compreendo que o Teatro do Oprimido no espaço formativo escolar, representa uma prática pedagógica necessária e emergencial, contribuição da arte e da pedagogia teatral para a educação do século XXI cujo diferencial permite que a experiência de ensino-aprendizagem ocorra de maneira gradual, prazerosa, inventiva, reflexiva, e dialógica valorizando os saberes e experiências dos educandos, além de revelar questões emergentes da atualidade, propondo através da problematização dessas questões, possibilidades de solucioná-las.

A pedagogia do Teatro do Oprimido valoriza a pluralidade cultural, garante a fala singular daqueles que são silenciados sensível e simbolicamente. Assim, Boal afirma: “As culturas são campos de batalha: temos que combater tudo que nos leve à subserviência e à passiva aceitação da opressão, em todas as culturas, inclusive nossas, naquilo que têm de ruim e perverso” (BOAL, 2009, 38).

**Palavras-chave:** pedagogia teatral; dialogicidade; conscientização.

## **Referências**

- BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- DELORS, Jacques (Org.). **Educação - Um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília DF: MEC: UNESCO, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A,2004.
- ICLE, Gilberto. **Pedagogia Teatral como cuidado de si**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. In: Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. São Paulo: Loyola, 1992.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**